

O SENTIMENTO DE FRONTEIRA NA POESIA DE MANOEL DE BARROS

Luciene Lemos de Campos (MEF/CPAN/UFMS)
Rauer Ribeiro Rodrigues (CPAN/UFMS)

Introdução

Voltamo-nos, neste estudo, para a análise de certo sentimento de fronteira que, a nosso ver, perpassa a poesia de Manoel de Barros, sendo, o mais das vezes, discursivizada de forma metafórica, mas sempre presente como substrato instaurador de entre-lugar, em universo poético — que transita da Modernidade para o período alexandrino dos nossos dias — configurado a partir de discussão sobre o caráter da identidade do eu-lírico. Tal entre-lugar resulta da intersecção entre o concreto e a representação e delinea dois campos, sendo caminho e estrada que o poeta percorre para construir suas identidades. Centramos nossa análise no poema “O muro”, da obra *Poemas rupestres* (2004), no qual Barros enuncia um conceito, metonímico, de fronteira, e valemo-nos ainda de poemas de outras obras de Barros, tais como a trilogia *Memórias inventadas* (2003, 2006 e 2008), *Livro das ignoranças* (1993), *Livro de pré-coisas* (1985) e *Livro sobre nada* (1996).¹

Buscamos concepções de fronteira em estudos geográficos, históricos, sociológicos, linguísticos, demográficos, culturais e filosóficos, fixando-nos, em particular, como conceito melhor adequado à visão que depreendemos em Barros, nas palavras de Bourdieu (2007, p. 114), para quem a “fronteira nunca é mais do que o produto de uma divisão a que se atribuirá o maior ou menor fundamento na ‘realidade’ segundo os elementos que ela reúne, tenham entre si semelhanças mais ou menos numerosas e mais ou menos fortes”.

Propomo-nos verificar os diferentes significados da palavra fronteira quando a analisamos, sob o ângulo dos estudos literários, na poética de Barros. Para este artigo, apresentamos tão só aspectos gerais da questão de fronteira, identidade e entre-lugar, oriundas de uma discussão maior que temos empreendido.²

1. Fronteira em Barros: problematizações

Definir o sema fronteira é tema de investigação caro a historiadores e cientistas sociais. Isso porque as fronteiras podem ser construídas no espaço e no tempo; podem se caracterizar como culturais, sociais, entre gêneros, econômicas e tecnológicas; podem ser divisão, faixa, limite e, paradoxalmente, podem ser oposição e aproximação, coalescência ou até mesmo concrescência; assim, podem ser intersecção, traço que une, como podem ser uma marca de limite físico ou simbólico; de um jeito ou de outro, fixam a identidade, determinam a alteridade.

Questões preliminares problematizam nossa busca pelo caráter do sema “fronteira” em Barros:

- 1^a) O fato de o poeta Manoel de Barros ter crescido em Corumbá, uma cidade na fronteira do Brasil com a Bolívia, impacta de que modo a noção de fronteira que emerge da sua obra?
- 2^a) O muro, do poema homônimo, cumpre algum papel alegórico como marco de fronteira?
- 3^a) Podemos inferir da noção de fronteira estabelecida por Barros, na sua obra, uma metáfora que, ao denunciar, divide a produção literária em cosmopolita e em provinciana?

Cabe-nos observar que o muro barreano, como marco de fronteira, é linde com três configurações:

- 1^a) **cerceadora**: estabelece o cerceamento da liberdade — quando limita, embora simultaneamente pareça violar o sentimento de pertença que impõe;
- 2^a) **preservadora**: possibilita preservar a identidade — quando impede que o externo interfira no local, separando, no espaço, internos de externos;
- 3^a) **delimitadora**: delimita e conforma a soberania de quem o construiu.

Diante de tal abrangência, o sentimento de fronteira na obra de Barros pode, perfeitamente, englobar tanto a criação identitária quanto os múltiplos outros com os quais o “eu” barreano não só convive e dialoga, como com eles se identifica, revivendo-os em si mesmo. Vejamos como isso se dá.

¹ As datas referem-se à primeira edição de cada obra.

² Conforme a dissertação *A mendiga e o andarilho: a recriação poética de figuras populares na obra de Manoel de Barros*, de Luciene Lemos de Campos, defendida em 2010 no Mestrado em Estudos Fronteiriços da UFMS, sob orientação do professor Rauer.

2. Fronteira: limes e dissociação

As fronteiras têm despertado sentimentos contraditórios: muitas vezes, ofendem quem está de um lado; outras, tranquilizam quem está de outro lado. Para o geógrafo André Roberto Martin (1992, p. 13), “efetivamente, a fronteira ‘em si’, isolada, não existe, [...] o que existe [...] são ‘as fronteiras’, no plural, formadas historicamente umas em relação às outras”. Para Márcio Cataia (2007), “[a]s fronteiras não decorrem só do espaço, mas também do tempo: extensão e duração formam o conceito de limite. [...] Sendo histórica, resulta de eleições”.

Por seu lado, Jacques Leenhardt faz a seguinte reflexão:

Se a fronteira é menos uma linha do que um espaço – como deixa entender a palavra latina *limes* (daí limite), que em Ovídio ou em Tito Lívio designa o caminho que separa dois campos, o espaço que permite não transgredir nenhuma das proibições acerca dos respectivos espaços, espaços de ajuntamento, articulação, como se viu no caso das faceries –, então a *limes*, o limite, designa um intervalo, uma borda sem apropriação, mas dotada de todos os valores políticos, simbólicos, religiosos que a mitologia grega reúne sob a égide de Hermes.³ (LEENHARDT, 2001, p. 19).

Outro significado, simbólico, remete à identidade que se define pela soberania dos estados-nação. A raiz dessa concepção é arquetípica, como de certo modo consta no *Dicionário de símbolos*, que no verbete “Muro, Muralha” informa:

significação mais fundamental [...]: separação entre os irmãos exilados e os que ficaram; separação-fronteira-propriedade entre nações, tribos, indivíduos; separação entre famílias; separação entre Deus e a criatura; entre o soberano e o povo; separação entre os outros e eu. O muro é a comunicação cortada, com a sua dupla incidência psicológica: segurança, sufocação; defesa, mas prisão. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2002, p. 626-627).

Em “O muro”, a imagem do muro aparece definida, no título do poema, pelo determinante “O”, que tem valor qualificativo: “O muro”. Não se trata, portanto, de limite qualquer. O sintagma nominal, informado em para-texto e sobre o qual o eu-lírico discorre, remete à extremidade de uma casa que limita com um pomar; é obstáculo a “ladrões” e é, também, o espaço a partir do qual a voz poética se edifica. Eis o poema:

O MURO

O menino contou que o muro da casa dele era
da altura de duas andorinhas.
(Havia um pomar do outro lado do muro.)
Mas o que intrigava mais a nossa atenção
principal
Era a altura do muro
Que seria de duas andorinhas.
Depois o garoto explicou:
Se o muro tivesse dois metros de altura
qualquer ladrão pulava
Mas a altura de duas andorinhas nenhum ladrão
pulava.
Isso era.

(BARROS, 2004, p. 59).

Aqui, poderíamos ter separação, exclusão do indesejado, de “qualquer ladrão” que, de uma maneira ou outra, ameaça o objeto de cobiça em um espaço demarcado. No entanto, é difícil mensurar a altura do muro quando se insere a imagem da liberdade, conotada pela altura de duas andorinhas — aves migratórias que, para muitos povos, simboliza o indivíduo sem fronteiras, a mobilidade, o migrante, a liberdade e a

³ Hermes vem a ser, no caso, cf. a lição de Chevalier e Gueerbrant (2002, p. 487-488), não só o mensageiro, mas o astuto “mediador entre a divindade e os homens”, o viajor, o eloqüente, o iluminador e o comerciante: “Hermes é, ao mesmo tempo, o deus do hermetismo e da hermenêutica, do mistério e da arte de decifrá-lo”. Desse modo, no âmbito da retórica e pelo aspecto conotativo, depreendemos o deus mercurial como uma metáfora da própria poesia.

renovação da vida; “duas andorinhas” remetem à idéia de par, casal, união, solidariedade, conceito oposto ao que o senso comum atribui a muro.⁴

Nesse caso, a fronteira parece representar congregação e não efetivação de diferenças: duas andorinhas compõem a pluralização da liberdade, a medida dessa fronteira. Daí “a altura de duas andorinhas” subverter o conceito de limite com que se tem associado a marca representada pelo muro. No poema, o conceito de fronteira é paradoxal: o muro separa o espaço da propriedade, mas — inusitada — também une os diferentes. Desse modo, tem-se uma extremidade in-conformada com a principal concepção vigente.

Através do discurso do eu-lírico, entrevemos um raciocínio que parece ter sido imposto pela História, o das certezas cristalizadas. Nesse caso, remete à oposição entre a dinâmica e mobilidade das andorinhas, e o espaço fixo, demarcado. Logo, o recorte de natureza horizontal, espaço que separa dois povos, torna-se transponível para os indivíduos, cuja mobilidade não se limita às certezas pré-concebidas.

Muros que protegem ou separam, de certa forma, asseguram ou tentam compor uma identidade, que, no entanto, já surge em diluição. No poema de Barros, percebe-se, o marco fronteiro é mais abstrato que concreto; a capacidade de o menino imaginar, inventar, faz com que a barreira fronteira seja transposta; o que evidencia uma inversão do estabelecido: o muro assegura o domínio, o status, mas não impede a capacidade inventiva, a transgressão.

Os muros tornaram-se símbolos de uma sociedade dividida em classes, lados, blocos, pólos. Mas, em meio às divisões a que os marcos fronteiros remetem, vislumbra-se, na poesia de Barros, a possibilidade de a fronteira — entre realidade e imaginação, tradição e renovação — se efetivar como *lócus* transgressivo que emerge da geografia natural da infância do poeta.

A eleição do espaço pantaneiro constitui o *ethos* de enunciação da poética de Barros, sem, contudo, deixar de evidenciar questões urbanas — ou, mais que urbanas, cosmopolitas, mais que cosmopolitas, atemporais e universais. Em “O muro”, parece que o eu-lírico vislumbra um mundo além dos muros. O pomar, enunciado entre parênteses, é o espaço fechado, o paraíso perdido de onde o poeta extrai a sua essência poética. Eis aí outra fronteira instaurada: os muros das *urbes* delimitam a poesia do lado de cá e o pomar (à parte) concretiza a poesia do lado de lá, a periférica. Ao investir no questionamento da separação, real ou imaginária, a que esse linde alude, observa-se o limite materializado entre o cosmopolita e o provinciano, o centro e o subalterno. Desse modo, o muro assume não somente o sentido de defesa física do terreno, mas também do elemento que relativiza a alteridade. O sentido ambíguo da identidade é apresentado no poema; o narrador parece estar na extremidade de um reino e esclarece que existe “um pomar do outro lado” (BARROS, 2004, p. 59).

Nesse contexto, uma das principais constatações, acerca do poema “O muro”, é de que o poeta reformula a história de seu tempo, apresentando uma imagem que reflete o fato de que “a fronteira vai muito mais além do fato geográfico que ela realmente é, pois ela não é só isso” (RAFFESTIN, 2005, p. 10).⁵

No plano da expressão, é informado tanto o imaginado quanto o real. Cada vez mais alto, o muro simboliza não somente um limite marcado, uma proteção, como também o distanciamento, a comunicação interrompida, não efetivada, a impossibilidade ou a probabilidade de interação do eu com os outros. O muro barreano configura-se, pois, como entre-lugar resultante do que é concreto e do que é representação; o limes delinea dois campos, dois territórios, mas é caminho, estrada que o poeta percorre para construir, para se perceber e para manter sua identidade.

3. A fronteira na interface com a identidade

Como asseguram diversos autores, a relação com o espaço tem repercussões no processo de construção da identidade, a qual depende das relações dialógicas que mantém com os outros. Em “O muro”, o espaço social parece relacionar-se com o que havia do outro lado do muro. Há uma identificação com o espaço enunciado, mas há também uma assimetria quanto ao narrativizado e ao vivenciado. É como se o poeta, em “O muro”, constatasse as fronteiras enraizadas pela padronização cosmopolita, para des-construir

⁴ Sobre a simbologia que a palavra “andorinha” evoca, Sakall (2003) diz: “Como é uma ave migratória, que chega sempre na primavera, está associada à luz, à fecundidade e à ressurreição (como as flores que ganham uma nova vida após os rigores do inverno). Na África, é também um símbolo de pureza, pois a andorinha nunca pousa no chão e assim [...] não suja os seus pés”. Em Chevalier e Gheerbrant (2002, p. 51), a andorinha aparece como fecundidade, alternância, renovação, eterno retorno, metamorfose, pureza, ressurreição, renúncia e migração. Talvez todos esses sentidos estejam no poema de Barros, que assim ecoa múltiplas conotações.

⁵ Raffestin trata dos conceitos teóricos de fronteira, sem o vislumbre da leitura poética que estamos empreendendo; aplicar, à poética de Barros, o estudo de Raffestin é da alçada, conta e risco dos autores deste estudo.

os sistemas seletistas (neologismo nosso, para indicar seleção de elementos de um só conjunto, grupo ou local). No dizer de Stuart Hall,

A identidade [...] preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” — entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. (HALL, 2006, p. 12).

As identidades poéticas foram, parafraseando Hall, “saturadas” por movimento centrípeto que se alicerça na tradição. Há, no entanto, força centrífuga que, paradoxalmente, no âmbito das identidades, não rompe a “sutura”. Assim, o poeta, com olhos de menino, observa o mundo e desloca padrões pré-estabelecidos; todavia, ao “ler” o seu discurso poético, o vate se reconhece como identidade; não só no âmbito individual, mas também na esfera pública.

A alteridade representada pelo eu-lírico, nesse poema de Barros, mostra-se afastada da racionalidade do adulto e, conotativamente, identificada com o modo como a criança concebe e se relaciona com o meio que a cerca. Desse modo, o pomar, espaço almejado, mas que está “do outro lado do muro” (BARROS, 2004, p. 59), é compartilhado no plano da imaginação. Há um obstáculo no caminho: o muro, responsável pela limitação do desejo; mas o poema, narrativizado em primeira pessoa,⁶ torna-se, pois, como que um elogio à criatividade inventiva de quem traz o olhar infantil, o qual tem consciência da sua própria invenção: uma fronteira paradoxal, onde o impossível é possível. A fronteira surge, então, como um reino a ser desencantado: “Isso era”. A forma verbal no pretérito imperfeito do indicativo faz lembrar a narração das fábulas, dos contos fantasiosos: “era”.

No poema intitulado “Caso de amor”, da obra *Memórias Inventadas: a infância*, o eu-lírico identifica-se com uma estrada, um caminho que lhe “bota sentido” e para o qual o passado do sujeito autodiegético não é indiferente. É o lugar em que a narrativa retoma o indivíduo de outrora e em que esse indivíduo faz um percurso em busca de si mesmo:

[...] Esta estrada melhora muito
de eu ir sozinho nela. Eu ando por aqui desde pequeno. E sinto que ela
bota sentido em mim. Eu acho que ela manja que eu fui para a escola e
estou voltando agora para revê-la. Ela não tem indiferença pelo meu
passado [...]. (BARROS, 2003, XII, “Caso de amor”).

As identidades refletem experiências históricas em comum e códigos culturais partilhados. Na poética barreana, a estrada torna-se o limes, o trajeto que separa dois campos, a faixa que separa a diacronia, presente e pretérito, e os espaços, “aqui” e “a escola” — sem desconsiderar que o poema-narrativizado evoca, rememora e constrói uma memória de um fato pretérito, fazendo da infância um hoje na idade adulta, fazendo com o que o espaço comum seja, na verdade, o da lembrança. E é assim que, nesse poema, a estrada — que é um aqui do discurso e simultaneamente um aqui e um lá da evocação — remete ao próprio caminho da poética de Manoel de Barros, pois narrativiza o poético a partir do cotidiano e da retomada das experiências infantis.

A fronteira, nesse poema, significa um espaço de convivência com a alteridade sem que essa seja estrangeira, ádvena. Em outras palavras, há um eu-eu que convive com diversos “eu-outros”, e o tempo, em palimpsesto, os reúne todos no mesmo espaço: o da evocação, da lembrança e da rememoração que produzem as memórias poéticas que o poeta discursiviza.

Nas *Memórias inventadas: a terceira infância*, o eu enunciador discorre sobre um espaço geográfico das margens “do rio”, o que remete a Corumbá, cidade na qual o poeta viveu durante alguns anos:

[...] Há canoas embicadas e mulheres
destripando peixes. Ao lado os meninos brincam de
canga-pés. Das pedras ainda não sumiram os orvalhos.
Batelões mascateiros balançam nas águas do rio.
Procuro meus vestígios nestas areias. Eu
bem recebia as pétalas do sol em mim. Queria saber
o sonho daquelas garças à margem do rio. Mas não

⁶ O conceito de “poesia-narrativizada” em Barros foi elaborado por Grácia-Rodrigues (2006, *passim*, em especial p. 179-180).

foi possível. Agora não quero saber mais nada, só
quero aperfeiçoar o que não sei.
(BARROS, 2008, V, “Corumbá revisitada”).

O mote do poema não é somente o lugar e seus habitantes, mas a voz poética que, ao final de suas andanças, “só” pretende “aperfeiçoar o que não sei” (negrito nosso). No mesmo diapasão de um eu que narra e se recorda da infância, há um adulto que se ressentido: “Agora não quero saber mais nada”. Em suma, o eu-lírico pressente que a sua é uma poesia deslocada dos padrões vigentes na *urbe*.⁷ Desloca-se também no espaço, da cidade para a natureza, e da natureza para o onírico:

[...] Queria saber
o sonho daquelas garças à margem do rio. Mas não
foi possível. (BARROS, 2008, V, “Corumbá revisitada”).

Ao se defrontar com a impotência, “não foi possível”, o poeta estica além-muro o campo semântico das palavras nativas do *locus* enunciado em seus versos, e o eu-lírico se descobre em um cronotopo indefinido, um limite sem conformação entre pólos coalescentes. No espaço assim configurado, o eu-enunciador erige identidades líricas como resultado do vivido, do realizado, do imaginado, do sentimento de lugar, do trajeto percorrido e do limes delineado como entre-lugar.

O conceito de “identidade” é tratado no verbete do dicionário de semiótica (GREIMAS e COURTÉS, 2008, p. 27, 140, 251-252 e 440) como a relação de pressuposição recíproca com o termo oposto “alteridade”, significando, em síntese, a oposição entre “o mesmo” e “o outro”.

De acordo com Bernd (2003),

[...] identidade é uma entidade [que] se constrói simbolicamente no próprio processo de sua determinação. A consciência de si toma sua forma na tensão entre o olhar sobre si próprio — visão do espelho, incompleta — e o olhar do outro ou do outro de si mesmo — visão complementar. (BERND, 2003, p. 17).

A propósito, destacamos o pensamento, anterior em mais de dois séculos, de Rousseau:

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer 'isto é meu' e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não poupariam ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: 'Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém'. (ROUSSEAU, 1989, p. 259).

Formulados em 1755, no *Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens*, os conceitos de Rousseau acerca de igualdade e desigualdade impostos pela fronteira, pelo limite que a propriedade cria, coadunam-se com certas relações no século XXI, em especial quando o que se observa são os interesses políticos, econômicos e territoriais do “neo-colonizador”, se o que está em jogo são “seus” limites e “suas” propriedades, ou seja, a autonomia real de suas “neo-colônias”. O discurso político que oculta a dominação é mimetizado e problematizado por Barros. Examinemos isso em poema de *O livro das Ignorâncias*:

DIA UM
1.1
Ontem choveu no futuro.
Águas molharam meus pejos
Meus apetrechos de dormir
Meu vasilhame de comer.
Vogo no alto da enchente à imagem de uma rolha.
Minha canoa é leve como um selo.
Estas águas não têm lado de lá.
Daqui só enxergo a fronteira do céu.
(Um urubu fez precisão em mim?)
Estou anivelado com a copa das árvores.
Pacus comem frutas de carandá nos cachos. (BARROS, 2001, p. 33).

⁷ Diversos trabalhos enfatizam esse deslocamento, cf. Grácia-Rodrigues (2006), Béda (2002) e Silva (1998).

No poema, os cursos das águas atuam como fator preponderante para uma nova abordagem acerca do sema fronteira. No *locus* fronteiriço, enunciado em “Estas águas não têm lado de lá”, a estabilidade e instabilidade do limes contrariam o postulado pela cartografia, o que possibilita ao eu-lírico uma identidade distante à dos poetas seus contemporâneos: “Minha canoa é leve como um selo”. As fronteiras diluem-se para que o “eu” do poeta ganhe existência, independente da natureza ou da política. Na ausência do limes, em espaço que reúne “a fronteira do céu” à “copa das árvores” e às “águas [que] não tem lado de lá”, o poeta erige éden de ética rousseauísta, sem propriedade, sem dominação, sem relações internacionais.

A canoa, meio de locomoção e comunicação do eu-lírico, é também um símbolo de identidade do poeta bugre velho. Essa face do eu-lírico não parece ter paralelo ou proximidade com nenhum outro eu-lírico dos poetas brasileiros do século XX. A estável instabilidade que corrói o limes surge ainda no “ontem” como “futuro”, no primeiro verso, no olhar que está no nível das “frutas de carandá nos cachos”, as quais os “[p]acus comem”, e na ausência de obstáculo visual, pois o olhar vai ao limite extremo: o “céu”.

É com a visão emprestada pelo bugre velho que o poeta, no *Livro de pré-coisas*, enuncia:

[...]
 Quando meus olhos estão sujos da civilização, cresce
 por dentro deles um desejo de árvores e aves.
 Tenho gozo de misturar nas minhas fantasias o
 verdor primal das águas com as vozes civilizadas. (BARROS, 1997, p. 12).

Nesse poema, tem-se um eu que anuncia o espaço com o qual se identifica, um eu que “bebe” as vozes civilizadas, mas que não perde o sentimento de pertença ao “verdor primal das águas”. A experiência do eu-lírico aparece como algo que está para além de uma invenção de palavras. Desse modo, aqui, o significado de fronteira não traz ideia de fim, mas de começo de uma poética cuja identidade é a soma do vivido e do imaginado, assim como da cultura com a natureza.

4. A fronteira: entre-lugar

Na poética de Barros, parece-nos, o vivido, as *Memórias* e a narração do vivido se entrelaçam em busca da identidade do eu-lírico. Neste poema, da obra *Livro sobre nada*, o emissor enuncia não apenas uma história, mas também apresenta uma visão de mundo que vai além da tradição, do retorno aos braços familiares:

Venho de nobres que empobreceram.
 Restou-me por fortuna a soberbia.
 Com esta doença de grandezas:
 Hei de monumentar os insetos!
 (Cristo monumentou a Humildade quando beijou os
 pés dos seus discípulos.
 São Francisco monumentou as aves.
 Vieira, os peixes.
 Shakespeare, o Amor, A Dúvida, os tolos.
 Charles Chaplin monumentou os vagabundos.)
 Com esta mania de grandeza:
 Hei de monumentar as pobres coisas do chão mijadas
 de orvalho. (BARROS, 2000, p. 61).

Há um espaço que possui uma teia histórica de relações e uma identidade evidenciada, pretérita, reconstruída em novos termos, por decisão do sujeito enunciatador. Assim: de “Venho de nobres que empobreceram” (BARROS, 2000, p. 61), para “Hei de monumentar os insetos” (BARROS, 2000, p. 61); no trânsito social e ao defender como grandeza o ínfimo, o sem valor, o minúsculo e o dejetivo, o poeta erige um entre-lugar inusitado, instaurando reflexão quanto à função acomodatória da fortuna, da nobreza e da soberbia.

Em “O muro” vemos que o poema se inicia, imagetivamente, com os versos “O menino contou que o muro da casa dele era / da altura de duas andorinhas” (BARROS, 2004, p. 59). Trata-se, a nosso ver, de fronteira alegórica. O primeiro verso de “O muro” constrói, por meio de um *enjabement*, afirmação que define o estatuto do limite: “O menino contou que o muro da casa dele era / da altura de duas andorinhas”. Sendo assim, o “era” que o muro “é” torna-se identidade definida e definitiva, instituindo, constituindo e

conformando o muro como um “ser”, definido em extensão e no tempo, caracterizado pelo “era” que emerge na concretude pelo discurso que o instaura entre a “casa” do eu-lírico e o pomar “do outro lado”.

A identidade — construída no espaço que dissocia e se torna *limes* entre o cá e o lá, o recesso e a paz, a aventura e o úbere, o doméstico individual e um indefinido espaço que pode transitar do éden, divinizado, ao doméstico de um outro, não nomeado — define-se por ser entre-lugar, o que é também exposto por outras estratégias do discurso, das quais mencionamos duas:

- 1) o “Era” inicia o sexto verso com maiúscula, quando a maioria dos versos que são continuidade lógica de uma sentença tem a inicial minúscula; e
- 2) o fechamento do poema, com o verso “Isso era”, como a explicitar que se trata, *de facto*, de uma discussão identitária sobre a questão do limite.

Em “O muro”, não é o limite físico que faz a casa do menino diferente, mas a altura do muro. A fronteira torna-se um espaço definido por uma prática onde a alteridade inventa suas leis, é um terceiro espaço, o espaço do meio, o “entre-lugar” da interação, da complementaridade, sendo, ao mesmo tempo, especular. Eis como o conceito de “entre-lugar” teoriza o *locus* da literatura brasileira:

O escritor latino-americano brinca com os signos de um outro escritor, de uma outra obra. As palavras do outro têm a particularidade de se apresentarem como objetos que fascinam seus olhos, seus dedos, e a escritura do segundo texto é em parte a história de uma experiência sensual com o signo estrangeiro. (SANTIAGO, 2000, p. 21).

Verificamos, em “O muro”, a forma como o poeta concretiza esse marco fronteiro: símbolo visível do limite de um espaço que não pertence a nenhum dos dois lados. Na poética barreana, a fronteira, resultante do que é concreto e do que é representação, constitui um “entre-lugar” com o qual o eu-lírico ora se identifica e do qual ora se afasta. É *limes* que delinea dois territórios, é caminho que o poeta percorre para constituir as diversas, cambiantes e dissolutas identidades de seus vários e diversos eus-líricos.

Barros, metalinguisticamente, sentencia: “Melhor que nomear é aludir. Verso não precisa dar noção” (BARROS, 2000, p. 68). É como se a voz poética constatasse as fronteiras enraizadas pela tradição, no afã de des-construir um sistema que não lhe apraz. Ao se propor a “monumentar as pobres coisas do chão mijadas / de orvalho” (BARROS, 2000, p. 61), o poeta evidencia a peculiaridade da zona fronteira em que instaura o seu eu-lírico.

Essa fronteira permeia o local e o universal, é um espelho onde os seus outros se refletem e se completam. A fronteira barreana, seu entre-lugar, é o espaço poético da hibridização, da apropriação, em que o vate colore-se com as serpentinhas estrangeiras, metropolitanas, neo-colonizadoras, mas não deixa de beber do “verdor primal das águas” (BARROS, 1997, p. 12), voltando-se para o espaço em que sente pertencimento, o qual reconstrói poeticamente como entre-lugar.

Considerações finais

As noções a que o sema fronteira remete são, pois, em termos conceituais nas diversas disciplinas da área das Humanidades, díspares, obscuras e incoerentes, uma vez que os *limes* não se esboçam com o caráter de cientificidade e univocidade que constitui o apanágio do que é científico no mundo sob o domínio da técnica, das ciências exatas, da intolerância com o diverso. Entretanto, verificamos — na poesia de Manoel de Barros — a fronteira como oxímoro, um trajeto que separa ao mesmo tempo em que une, um *limes* que estabelece relações forjando identidades em múltiplas e indivisas coalescências, de modo que termina por se definir como “entre-lugar”. A poesia barreana cumpre papel humanizador de magnificar o entulho, de realçar positivamente o inconstante, de forjar inesperadas concreções diante do *logos* referencial que o informa, caracterizado pela racionalidade, pela dualidade, pela oposição primária.

O universo poético de Manoel de Barros, de certa maneira, opõe-se ao espaço urbano e, ao mesmo tempo, o reflete, o que resulta em certa estranheza aos padrões líricos usuais. Barros, ao postular e realizar uma poesia deslocada do discurso pré-existente, tensiona uma fronteira que possivelmente marca a passagem do Modernismo para um período, no qual estamos, em que convivem muitas escolas e estilos. Desse modo, nosso percurso de leitura não se configura como único e findo, uma vez que nosso objetivo não é traçar uma reflexão linear e totalizadora. Isso decorre do fato de que os termos, idéias, noções e conceitos a que o vocábulo fronteira remete são díspares e não se inscrevem, no discurso barreano, de forma clara e coerente, ao compararmos os vários enunciados.

Mesmo porque, e é este o nosso entendimento, a concepção de fronteira necessariamente há de ser complexa, já que as fronteiras, todas elas, são móveis, pois históricas, são miscíveis e porosas, posto que humanas — é justamente isso que a poesia de Manoel de Barros demonstra, tal como depreendemos da leitura efetivada neste estudo.

Referências bibliográficas

- BARROS, Manoel de. *Livro de Pré-Coisas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. 94 p.
- BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. 88 p.
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003. XVI poemas.
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Planeta, 2006. XVII poemas.
- BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a terceira infância*. São Paulo: Planeta, 2008. X poemas.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 104 p.
- BARROS, Manoel de. *Poemas rupestres*. Rio de Janeiro: Record, 2004. 75 p.
- BÉDA, Walquíria Gonçalves. *O inventário bibliográfico de Manoel de Barros ou “Me encontrei no azul de sua tarde”*. 2002. 271 f. + anexos. Dissertação (Mestrado em Letras). UNESP, Faculdade de Ciências e Letras de Assis.
- BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 142 p.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 322 p.
- CAMPOS, Luciene Lemos de. *A mendiga e o andarilho: a recriação poética de figuras populares na obra de Manoel de Barros*. Corumbá, MS, 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços); orientador: prof. dr. Rauer Ribeiro Rodrigues. CPAN, UFMS.
- CATAIA, Márcio A. A relevância das fronteiras no período atual: unificação técnica e compartimentação política dos territórios. *IX Colóquio Internacional de Geocrítica*, Porto Alegre, UFRGS, 28 maio-1. jun. 2007. Disponível in: < <http://www.ub.es/geocrit/9porto/cataia.htm> >, acesso em: 7 setembro de 2009.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva e outros. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. 996 p.
- GRÁCIA-RODRIGUES, Kelcilene. *De corixos e de veredas: A alegada similitude entre as poéticas de Manoel de Barros e de Guimarães Rosa*. 2006. 313 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários). UNESP, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.
- GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima e outros. São Paulo: Contexto, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A 2006. 102 p.
- LEENHARDT, Jacques. A invocação do terceiro espaço, *Cult*, n. 45, p. 18-21, abr. 2001.
- MARTIN, André Roberto. *Fronteiras e nações*. São Paulo: Contexto, 1992. 91 p.
- RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. Trad. Cleonice Alexandre le Boulegar e Renato Luiz Sproesser. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Org.). *Território sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande: UFMS, 2005. p. 9-15.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos das desigualdades entre os homens*. Brasília: Unb, 1989.
- SAKALL, Sérgio Eduardo. Simbologia – Símbolos. In: *Girafamania*, 2003. Disponível in: < www.girafamania.com.br/montagem/simbolos.htm >, acesso em: 7 set. 2009.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 219 p.

SILVA, Kelcilene Grácia da. *A poética de Manoel de Barros: um jeito de olhar o mundo*. 1998. 243 f. Dissertação (Mestrado em Letras). UNESP, Faculdade de Ciências e Letras de Assis.